

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: *O Estado de São Paulo* Class.: *PIX- BR 80 413*

Data: *09.05.71* Pg.: *30*

O gado já muda a paisagem do Xingu



Do enviado especial

O nelore, gado rústico, vai fazer a riqueza da região do Xingu

LUIS SALGADO RIBEIRO
Especial para "O Estado"

"Há 10 anos atrás, as terras por aqui eram de graça e mesmo assim, ninguém as queria. Hoje, um alqueire de pasto formado pode valer até 1.500 contos e não se encontra mais terras para comprar. Em menos de 10 anos a região vai ser o maior centro produtor de carne do País. O mundo inteiro vai comer filés dos nossos bois". Quem diz isso — com a satisfação de ter uma empresa em franco progresso na região do Xingu — é José Ramos Rodrigues, o "Zezinho das Reunidas". Homem muito simples, paulista de Araçatuba, fazendeiro e dono da Empresa de Ônibus "Reunidas", Zezinho foi um dos primeiros criadores da região.

Há três anos atrás, mandou abrir uma picada de 280 quilômetros para que seus homens conseguissem tomar posse de 5 mil alqueires que havia requerido 8 anos antes do governo federal. Custo total da aquisição da terra: 370 mil cruzeiros dos antigos, gastos em requerimentos e impostos.

Na época, Zezinho foi considerado "louco". Seus empregados eram vistos como heróis e levaram 4 meses na abertura da picada. Os trabalhadores têm a pé e levavam uma carga de 30 quilos cada um, com alimentos, panelas, medicamentos, armas de caça, instrumentos de topografia, facões e machados. Não era possível levar cavalos ou burros, porque não havia capim na região para alimentá-los. De trecho em trecho, os trabalhadores abriam clareiras na floresta, onde os aviões em vôo rasante jogavam sacos com alimentos. Muitas vezes, o piloto errava o "bombardeio" e a carga era perdida no meio do mato. Então, a sobrevivência dependia da habilidade de caçador de cada um dos trabalhadores.

unico meio de comunicação com os centros de consumo.

Incentivos

Nem só de pioneirismo, coragem ou aventura nascem e vivem essas fazendas. O desenvolvimento econômico da região tem sido amparado pelos incentivos fiscais aplicados pela Sudam, que abrange parte da região norte do Mato Grosso, onde estão os campos para a criação de gado. Estruturadas como sociedades anônimas, as fazendas têm 75% do seu capital subscrito por investidores que destinam metade do seu Imposto de Renda para investimentos na agropecuária da região.

Com essa política, os fazendeiros têm condições de derrubar a mata e plantar as pastagens. Esse trabalho custa, em média, 600 cruzeiros por alqueire. No entanto, apesar dos recursos provenientes dos incentivos fiscais representarem o triplo dos investimentos feitos pelos fazendeiros, muitos reclamam da alta porcentagem paga aos corretores para a captação da poupança do Imposto de Renda. Por lei, essa porcentagem é fixada em 10%, mas muitos corretores chegam a cobrar até 15%.

Mesmo com esses custos e com a reclamação dos criadores, há lucro para todos. Calcula-se que com a valorização das terras, benfeitorias e o aumento dos rebanhos, cada cruzeiro aplicado há 3 anos vale hoje até 20 vezes mais.

O lucro é muito maior — logicamente — quando o fazendeiro

é o próprio investidor. Nesse caso estão banqueiros, industriais e criadores de gado dos Estados do Sul, principalmente de São Paulo. Diversas fazendas do município de Barra do Garça pertencem a pecuaristas de Araçatuba, que trazem para a Região Centro-Oeste a experiência adquirida em terras paulistas.

Vantagens

Há muitas outras vantagens para os fazendeiros. Enquanto que na região de Araçatuba um alqueire de capim colônio só consegue alimentar 2 cabeças de gado, no norte de Mato Grosso essa mesma área de pasto pode manter até 6 bois.

O clima também ajuda. A temperatura é sempre estavel, sem os rigores do inverno ou do verão. As pastagens nunca secam. Mesmo nos meses de estiagem, sempre há um sereno muito forte durante a noite que mantém os pastos verdes.

Afirmam os fazendeiros que só no norte do Paraná existem terras semelhantes. Há muita esperança também no desenvolvimento da agricultura devido à fertilidade das terras, onde as plantações não terão o problema de geadas, secas ou inundações.

Estrada não vai prejudicar índios

Da Sucursal de BRASÍLIA

A penetração do Parque Nacional do Xingu pela rodovia BR-80, que ligará Brasília a Manaus, passando pelo Parque Nacional do Xingu. O que existe é a atuação de um pequeno grupo interessado em criar polemica de repercussão internacional, com o objetivo de conquistar o Premio Nobel da Paz, afirmou em Brasília o superintendente da Sudeco, Sebastião Camargo Junior.

"As informações em torno do assunto estão tão distorcidas — diz Camargo — que pouca gente sabe que o Plano Nacional de Viação já previa, desde 1967, a passagem da estrada pelo Xingu. A única modificação introduzida, foi o desvio da estrada para uma região, também dentro do Parque, localizada a 60 quilômetros ao norte de Diauarum, que oferece melhores condições topográficas para a abertura da BR-80.

Defendeu o superintendente da Sudeco que o traçado da estrada é ideal e nada vai alterar a vida dos índios e o trabalho da Funai. Além do mais, irá integrar o índio à civilização pois "todo o homem tem o desejo de ascensão e não seria nem humano, hoje, negar ao índio os benefícios resultantes do processo evolutivo da civilização. Todas as tribos do Brasil procuram o contato com a civilização e a estrada levará ao Parque maior assistência e apoio ao processo evolutivo do índio".

Antropólogos sem visão

"Não acredito que antropólogos de países onde ainda exista uma população indígena defendam a tese de que o índio não quer se integrar na civilização. Essa posição só é admissível nos antropólogos da Noruega ou Ho-

landa, que nunca viram índios na vida — defende Camargo — e, logicamente, os vêem como animais de exposição".

Desmentindo a informação de que o Xingu perderia cerca de 8.000 km² com a desapropriação de terrenos às margens da rodovia, disse que as terras continuariam sendo território índio, dirigidas pela Funai, e trabalhadas pelos índios e "uma estrada nunca prejudica o local por onde passa — defende Camargo — posso citar centenas de fazendas que foram beneficiadas após a construção de estradas dentro de sua área".

Importância da estrada

Anunciou o superintendente da Sudeco, que esta estrada é de fundamental importância para o Plano Nacional de Integração, pois é a única que penetra realmente a floresta amazônica, em 3.000 quilômetros. As outras, como a Transamazônica, Belém-Brasília, Brasília-Cuiabá, Cuiabá-Porto Velho e São Paulo-Acre, apenas envolvem a floresta, formando um semi-círculo, sem penetrar no coração da Amazônia. Outra estrada de extrema importância, lembrada por Camargo Junior, é a Cuiabá-Santarém, já em fase adiantada de construção. Sobre esta estrada — esclareceu — é importante que fique bem claro que ela não corta o Parque Nacional do Xingu, como tem sido divulgado constantemente. Essa é mais uma distorção que se pode constatar".

A estrada que corta o Parque, que é a Brasília-Cachimbo-Manaus, a BR-80, chegará até a fronteira da Colômbia se estendendo por 3.600 quilômetros. Atravessará 80 quilômetros do Parque Nacional do Xingu. Já estão abertos 240 quilômetros de estrada até as margens do Xingu, com 60 metros de faixa de desmatamento, e 10 metros de pista de rolamento.

Segundo Camargo Junior, sobre o Xingu será necessária a construção de uma ponte de cerca de 3.000 metros, pois apesar do rio ter 700 metros de largura, no local as margens são pantanosas. Este é, inclusive, um ponto muito combatido pelos que estão contra a travessia da estrada pelo Parque. Argumentam os opositores, que o investimento para a construção de tal ponte poderia ser evitado, caso o traçado da estrada fosse outro.

Fator econômico

"A construção de estradas cortando a região Centro-Oeste — afirma o representante da Sudeco — é o primeiro caminho para a conquista da Amazônia, pois a penetração da selva bruta exige retaguarda de apoio, ligando o desconhecido aos grandes centros do Sul.

Diz ainda que o apoio físico é o principal fator de integração nacional e só após esta conquista, o Brasil terá condições de incrementar a agropecuária e a mineração na região. "O Vale da Amazônia — lembrou Camargo Junior — é o maior pasto natural do mundo, com as melhores condições para o desenvolvimento da grande pecuária. E quando chegarmos a um estágio satisfatório, o Brasil poderá fornecer proteína animal para o mundo, solucionando o problema da alimentação".

Peru pede Nobel para d. Helder

LIMA, 8 — A Igreja Católica do Peru propôs hoje o nome do arcebispo de Olinda e Recife, d. Helder Camara, para o Premio Nobel da Paz deste ano.

A indicação partiu do arcebispo de Lima e primaz do Peru, cardeal Juan Landazuri Ricketts, com o apoio dos bispos auxiliares e dos padres da sua arquidiocese.

Em documento dirigido ao presidente da Comissão do Premio Nobel do Parlamento da Noruega, afirma o cardeal sobre d. Helder que "ao lado de sua ação pastoral, o mundo conhece e aprecia sua luta infatigável pela causa da paz entre os homens e entre os povos". Acrescenta ainda a mensagem que "Precisamente para dar à paz social um fundamento estavel, monsenhor Helder Camara fez de sua vida e de sua obra uma defesa constante da Justiça, dos direitos da pessoa, da solidariedade entre as nações ricas e pobres. Numa palavra, ele se consagrou ao autêntico e integral Desenvolvimento".

(ANSA)